

SESSÕES DO PLENÁRIO

10ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 11 de abril de 2024.

PRESIDENTE: DEPUTADO ALEX DA PIATÃ (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial sobre a Campanha da Fraternidade 2024, com o tema Fraternidade e Amizade Social e o lema “Vós sois todos irmãos”, a partir de proposição da nossa autoria.

Desde já agradeço a todos os presentes.

E convido para fazer parte da Mesa o padre Manoel de Oliveira Filho, reverendíssimo vigário Episcopal para a Cultura, Educação e a Comunicação, pároco no CAB, que neste ato representa o cardeal D. Sergio da Rocha, arcebispo da Arquidiocese de Salvador; o Sr. Ailton dos Santos Ferreira, assessor especial da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social, que neste ato representa o governo do estado; o reverendíssimo padre Zeca, como é mais conhecido o padre José Carlos, presidente executivo da Ação Social Arquidiocesana e coordenador da Campanha da Fraternidade; convido também a Sr.^a Mônica Aragão, defensora pública, que neste ato representa a Sr.^a Firmiane Venâncio, defensora pública-geral do estado da Bahia; o Sr. José Maria Dutra, superintendente da Previdência do estado, Suprev; e também o Sr. Yulo Oiticica, nosso eterno deputado, assessor especial da Secretaria de Relações Institucionais. (Palmas)

Neste momento, ouviremos de pé a execução do Hino Nacional e do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): (Lê) “Salvador, 8 de abril de 2024.

Ao Ex.^{mo} Sr. Deputado Alex da Piatã.

Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Prezado Sr. Deputado, agradeço ao honroso convite para a sessão especial sobre a Campanha da Fraternidade 2024, a realizar-se no dia 11 de abril de 2024, no Plenário do Palácio Deputado Luís Eduardo Magalhães.

Não podendo estar presente, devido à viagem para participar da Assembleia da CNBB e da reunião do Conselho de Cardeais, venho expressar-lhe as congratulações e a gratidão pela feliz iniciativa da realização desta Sessão Especial. Estendo essas felicitações e agradecimento aos Srs. Deputados e Sr.^{as} Deputadas que

apoiam essa homenagem à Campanha da Fraternidade, que está completando 60 anos, cujos temas têm sido de interesse nacional, repercutindo na sociedade.

Na ocasião, estarei sendo representado pelo reverendíssimo Padre Manoel de Oliveira Filho, Vigário Episcopal para a Cultura, Educação e a Comunicação na Arquidiocese de São Salvador da Bahia.

Deus abençoe os participantes dessa Sessão Especial e a todos os que se empenham na realização da Campanha da Fraternidade.

Fraternalmente,

Cardeal Dom Sérgio da Rocha.

Arcebispo de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil."

Obrigado ao cardeal e, desde já, obrigado ao padre Manuel pela presença. Quero também cumprimentar a *TV ALBA*, a todos que estão aqui transmitindo ao vivo, e a todos que estão nos assistindo por toda a Bahia pela *TV ALBA*.

E agora, como proponente da sessão, farei o meu pronunciamento inicial.

O Sr. ALEX DA PIATÃ: Gente, novamente, boa tarde a todos e todas, e a todos e todas que estão nos assistindo pela *TV ALBA*. Cumprimento toda a Mesa que já nomeiei inicialmente, chamando-os para compô-la e quero dizer a vocês que esta Casa nunca deixou de todos os anos registrar aqui o seu apoio, realizando uma sessão especial para demonstrar anualmente a importância da Campanha da Fraternidade não só para o povo católico, mas para toda a nossa sociedade.

E este ano, em especial, nós temos um tema e um lema que têm muito, muito a ver com os nossos dias atuais, com o que nós temos vivido no dia a dia. A gente olha, Yulo, e vê aí a figura da Campanha da Fraternidade e o simbolismo da gravura mostrando o ambiente de família, de casa, de lar, com pessoas diferentes, de diferentes etnias, diferentes idades. A campanha nos chama num momento muito crucial, muito crucial que o nosso mundo vive, em que determinados extremismos têm-se polarizado muito, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, pela política, pelo campo moral, fazendo com que a mídia dê um protagonismo muito forte a isso e nós tenhamos vivido famílias se dividindo pela política, pessoas destruindo relacionamentos dentro dessa polarização.

E para o que a Campanha da Fraternidade nos chama é que essa vida... que não é fácil para cada um e cada uma de nós vivermos em família, vivermos dentro do nosso lar com as nossas diferenças, conseguirmos conviver, e conviver bem, com essas diferenças. E cada um e cada uma de vocês aqui sabem dessa dificuldade em suas famílias. A minha esposa está ali, e nós somos testemunhas disso, de irmos de famílias diferentes, às vezes de realidades diferentes, e termos de conviver com essas diferenças juntos, com muito amor, com muita fraternidade. E a gente tenta viver isso em família.

E para o que a Campanha da Fraternidade nos chama é que a gente possa ampliar essa vivência para uma vivência mais social porque, quando se fala em amizade, padre Manoel, a amizade é algo forte. É algo que envolve coração, envolve fraternidade, envolve confiança, e a gente tem tido muita dificuldade para viver isso.

E vocês aqui estão – Yulo, que foi deputado por vários mandatos, sabe disso – numa Casa onde a gente convive com pessoas que têm pensamentos totalmente opostos e a gente consegue, muitas das vezes com muita briga, com muita dificuldade, conviver em harmonia. Poder amar o próximo, poder conviver como irmãos e irmãs, como o lema diz, mesmo com aqueles que pensam totalmente diferente, eu acho que esse é o nosso desafio, para o que a Campanha da Fraternidade nos chama, Ailton, para vivermos. Agora, ao vivermos isso na nossa vida social, seja na política, no trabalho, nas comunidades, espalhados cada um nos seus cantos, a gente precisa, na minha opinião, acima de tudo, se colocar no lugar do outro. Nós não temos como viver bem, amar o próximo, conseguir conviver com o diferente se a gente não conseguir também se colocar no lugar do outro. Talvez seja isso que falte.

Hoje, pela manhã, eu saía de casa e me deparei – até parece que era um aviso para falar da Campanha da Fraternidade – com um episódio chocante. Dormi bem, graças a Deus. Eu moro em Lauro, saí de casa e, quando fiz o contorno, o trecho estava um pouco engarrafado pela manhã, como sempre. Olhei para o meu lado esquerdo e havia um jovem dormindo num colchão, próximo àquele córrego que passa pela avenida central. E eu acho que é nessa hora que não é possível a gente olhar para aquilo e não se indignar, não é possível a gente olhar para aquela situação e não entender que um irmão nosso não poderia... Tentei. Fiz algumas ligações para algumas pessoas do poder público de Lauro. Logo parei o carro, à frente, e fiz com que fossem lá ver quem era aquele jovem que estava dormindo num colchão jogado no jardim do canteiro central da avenida, indo para a Linha Verde.

Então, acho que esse é o nosso grande desafio, gente, é para o que a Campanha da Fraternidade nos chama neste ano, é o desafio de que a gente possa se colocar no lugar do próximo, poder da forma... Eu sei que é muito difícil. A gente diz amar o próximo como a si mesmo e a gente consegue fazer isso de forma muito fácil com o filho em casa, mas tem dificuldade de transmitir, de fazer o mesmo com aquele que a gente não conhece, com aquele que está lá do outro lado, aquele que está na rua.

Mas eu acho que o grande desafio é esse: a gente vencer essa polarização odiosa que tem se espalhado com todo esse extremismo. Alguns têm usado, inclusive, de um discurso conservador, moralista totalmente falso, na minha opinião, porque não tem nenhum sentido a gente pregar religião, pregar questões morais com ódio. Eu acho que a gente consegue, que conseguimos por tantas vezes e vamos conseguir conviver com os diferentes, podendo amar uns aos outros.

Então, acho que esse é o nosso desafio, essa é a mensagem que o papa traz para todos nós nessa Campanha da Fraternidade e que a gente precisa levar. Mas precisamos levar com gestos concretos dentro de casa, dentro da nossa sociedade, dentro da nossa comunidade, principalmente também se colocando no lugar do outro, principalmente do outro que mais precisa, daquele, a gente sabe, como aquele jovem que estava hoje, pela manhã. Com certeza, falta na vida dele algo que nós temos. Que a gente precisa enxergá-lo como um irmão e o trazermos para a nossa convivência social.

Então, desde já, agradeço a todos vocês, agradeço a todas as comunidades, agradeço à Igreja Católica por esses 60 anos da Campanha da Fraternidade que eu tenho certeza que já trouxe discussões e debates que enriqueceram muito as nossas políticas públicas e muitos avanços que nós conquistamos ao longo desses anos e vamos continuar conquistando na Bahia e no Brasil. E o Brasil é referência porque é o único país do mundo que tem a Campanha da Fraternidade. Nós vamos continuar fazendo isso como o bom povo brasileiro sabe fazer, principalmente o povo baiano.

Deus abençoe! Viva a Campanha da Fraternidade! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Vamos ouvir agora o Hino da Campanha da Fraternidade 2024, cantado por Clayton Borges e Michael, voz e violão. Obrigado, Clayton; obrigado, Michael.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. Clayton Borges: Obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Muito obrigado, Clayton e Michael.

Convidamos agora o Sr. José Maria Dutra, superintendente da Suprev, para falar sobre o tema Fraternidade e amizade social.

O Sr. JOSÉ MARIA DE ABREU DUTRA: Falarei daqui de baixo porque eu acho que a gente fica mais perto aqui, também a gente vê melhor a Mesa.

Primeiro lugar, boa tarde a todas e todos.

Cumprimentar aqui o deputado Alex e estender o cumprimento à Mesa, a vocês todas e todos.

E agradecer, primeiro, pelo convite. É uma alegria, uma honra estar aqui com vocês.

Então, o tema Fraternidade e Amizade Social, “Vós sois todos irmãos e irmãs”.

O objetivo geral da Campanha da Fraternidade é despertar para o valor e a beleza da fraternidade humana, promovendo e fortalecendo os vínculos da amizade social para que em Jesus Cristo a paz seja realidade entre todas as pessoas e povos.

Tem algumas palavras aí que eu queria ressaltar para vocês. Primeiro: a beleza da fraternidade. A gente, hoje, está em um mundo onde nunca se teve tanta conexão. As pessoas que eu conheço, se eu quiser falar com qualquer pessoa que eu conheço, pego o celular e instantaneamente eu falo. Mas também é uma sociedade em que as pessoas nunca estiveram tão desconectadas. Apesar de a tecnologia favorecer à conexão, na nossa convivência humana, nós nunca estivemos tão desconectados e com muita dificuldade de viver a beleza da fraternidade humana.

O que é essa beleza da fraternidade humana? É a gente se conectar com a outra pessoa, é a gente se conectar com a humanidade da outra pessoa.

É uma sociedade em que a gente está perdendo a nossa sensibilidade. Na história que o deputado estava contando, ele viu uma pessoa na rua e se sensibilizou.

Agora, quantas vezes a gente vê uma pessoa na rua e a gente nem olha? E, às vezes, a gente pensa que aquilo não está afetando a gente. O fato de a gente não sentir mais nada não significa que aquilo não está nos afetando. Está nos afetando, sim, porque nós somos humanos. É que, às vezes, a gente está perdendo a capacidade de perceber o quanto aquilo nos afeta.

E tem uma doutora em Psicologia em São Paulo que fala do sofrimento ético-político. O que ela diz é: “Uma pessoa na calçada é uma pessoa que está em sofrimento ético-político.”

Por que isso? Que palavra difícil, ou que palavras difíceis, sofrimento ético-político, não é? Porque tem gente que está acumulando muito às custas de pessoas que não têm nada. Isso é sofrimento ético-político. É a desigualdade social. Essa desigualdade faz com que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres fiquem cada vez mais pobres. Isso é sofrimento ético-político. O sofrimento ético-político impacta todas nós e todos nós. A gente é impactado e sofre com isso, quer a gente perceba, quer a gente não perceba.

Tem gente que perdeu tanto da sensibilidade ao sofrimento do outro que diz: “Olha, nada me afeta, nada me afeta.” Mas um belo dia tem um infarto. Por quê? Porque acumulou tanta dor, sem perceber, que o corpo explodiu.

Inclusive, os homens têm mais propensão a doenças cardíacas, porque não fazem descarga emocional. O homem vai guardando aquela dor, vai guardando, não faz descarga, por isso tem mais propensão a doenças cardíacas. As mulheres, não. Elas fazem descarga emocional, então o coração é mais saudável.

Gente, amizade e boa relação humana também são saúde. Quando a gente se conecta com as pessoas, quando a gente tem uma boa conexão, tem um bom relacionamento humano, o corpo também será mais saudável.

O mecanismo chamado estresse, no organismo, é o mecanismo que aumenta em nós uma carga de cortisol e uma carga de adrenalina. Ficamos muito ativados com isso. O estresse que não tem descarga vai nos adoecendo.

Qual é o fator que tem mais impacto, que mais nos estressa no dia a dia? O que acontece? A convivência com outras pessoas, isso é o que nos estressa cada vez mais no dia a dia.

A gente está falando da beleza da fraternidade humana, mas a gente está dizendo também que fraternidade humana é uma vida mais saudável. Então, eu chego àquele ponto, não é, deputado? Se a gente encontrar um irmão que está em sofrimento, isso afetará a nossa saúde também, porque é um irmão que está em sofrimento. Quando há sofrimento do irmão, a gente sofre junto, não é?

Vamos lá, podem passar o slide.

Os objetivos específicos da Campanha da Fraternidade são vários. Eu trouxe um só, porque o texto tem mais de 60 páginas. Não dá, não é? Eu tenho uns 20 minutos aqui, por isso eu não vou conseguir falar das 60 páginas.

Hoje, eu estou mais preocupado em falar mais sobre o como, do que em falar sobre o quê. O quê está no texto. Vocês podem lê-lo lá. Estou trazendo umas

dicazinhas para vocês em relação ao como. Como praticar a fraternidade? Como praticar a irmandade?

Não, pode voltar o slide, por favor.

Devemos analisar as diversas formas de mentalidade de indiferença, de divisão e de confronto em nossos dias. Sobre a indiferença já se falou aqui. É você ver uma pessoa em sofrimento e achar que aquilo não está te afetando, é não estar nem aí para isso.

A questão do confronto talvez seja a coisa mais importante de a gente dialogar aqui. Conflito existe para a gente cuidar dele. Gente, conflito entre os seres humanos é uma coisa natural. O conflito é como se fosse a chuva, quando você sai, é natural pegar chuva, então você se protege. O conflito entre os seres humanos ocorre porque, às vezes, as pessoas estão com necessidades diferentes. O problema é quando o conflito vira um confronto.

Vou dar o exemplo de um casal, porque é um exemplo bom. Imaginem que a esposa está trabalhando. Ela está no trabalho estressada, cansada, mas decide que vai fazer uma surpresa para o marido, que está em casa de folga naquele dia. Ele está em casa e está muito chateado. Ele está entediado, porque está em casa o dia inteiro e também decide fazer uma surpresa para ela.

A surpresa que ele decide fazer é a seguinte: “Eu vou me arrumar, quando ela chegar, vou convidá-la para ir àquela festa que ela gosta.” Ela, muito cansada, passa numa padaria, compra umas comidinhas, umas bebidinhas e vai fazer uma surpresa para ele, para relaxarem em casa. Ele não queria relaxar, porque já estava entediado, mas ela queria relaxar, porque estava cansada.

Quem está certo nessa história? Isso é um conflito, gente. Eles têm necessidades diferentes, mas esse conflito se resolve se for olhado com amor, porque eles têm uma necessidade em comum, sabem qual é? Ficarem juntos porque, se não fosse assim, um sairia e o outro ficaria em casa. Em nossa cultura, é mais provável que esse conflito vire o quê? Um confronto. Cada um na sua posição se confrontando e achando que está certo.

A Campanha da Fraternidade traz a ideia de uma sociedade de confrontos, porque a gente está perdendo a capacidade de cuidar dos conflitos. A gente precisa cuidar dos conflitos para evitar que esses virem confrontos. A gente está em uma sociedade de confrontos, e não em uma sociedade de pessoas que cuidam dos conflitos. Para qualquer conflito que a gente tenha com outro ser humano, porque a gente está com necessidades diferentes, existem necessidades maiores imperando nesse momento, a necessidade da conexão humana, a necessidade de paz, a necessidade de estar bem. Às vezes, a gente se desconecta da necessidade de estar bem com o outro.

Tem alguém aqui que não gosta de ficar em paz? Que não gosta de ficar bem com o outro ou com a outra? Tem alguém aqui? Então por que a gente transforma nossos conflitos em confrontos e se desconecta dessa beleza que o slide anterior mostrou? Da beleza do humano que é essa coisa de paz, que todo mundo quer?

Tem um psiquiatra que eu leio muito, ele diz que, até na prisão, as pessoas que cometeram aqueles crimes mais horrendos e tal têm necessidade de paz. Até essas pessoas que estão em um grau de sofrimento tão grande têm necessidade de paz.

Eu queria que me ajudassem me avisando quando chegarem os 20 minutos, senão eu vou embora, pois eu estou sem relógio aqui. Pode ser?

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Sim.

O Sr. JOSÉ MARIA DE ABREU DUTRA: Então, está bom.

Pode passar o slide.

Essas são as palavras-chave da Campanha da Fraternidade. Eu as separei porque há algumas que são positivas: abertura, acolhida, compaixão, comunidade, conversa, convivência, diálogo, empatia, fraternidade; todas essas são as palavras-chave. Mas a Campanha da Fraternidade também traz algumas palavras-chave para a gente evitar: confronto, descarte, exclusão, indiferença, isolamento, ódio; essas são questões para a gente evitar.

Pode passar o slide.

Aí traz também a amizade social, mas também traz o cancelamento digital como algo que a gente precisa evitar.

Próximo slide. Vou correr um pouquinho aqui.

Aí traz também o amor além das fronteiras. Hoje, nós estamos vendo muitas guerras. Às vezes, nós vemos isso na televisão e achamos que também não está nos impactando, mas nossos irmãos, além das nossas fronteiras, estão passando por sofrimento. Então, amizade social é ampliarmos o nosso amor para toda a humanidade, para além do humano também, porque hoje a natureza também está em sofrimento.

Outro dia eu estava andando pela Região Oeste, tinha um biólogo dizendo que estava acompanhando algumas regiões onde os passarinhos estavam morrendo de fome, porque não tinha mais alimento natural naquela região. Então, esse amor deve ir além das fronteiras, além do humano, pois outras vidas também estão em sofrimento em virtude dessa coisa do capital que é cada vez mais agressivo à natureza.

A Campanha da Fraternidade traz, digamos, um conceito do papa Francisco. A Campanha da Fraternidade vai trazer várias ideias do papa Francisco sobre amizade social. Então, o que ele está falando sobre amizade social? Ele está dizendo que a amizade social ultrapassa as fronteiras. É aquilo que eu estava falando, é reconhecer e valorizar o amor para com todas as pessoas, independente se, na sociedade, elas estão próximas a nós ou não. A Campanha da Fraternidade também trabalha a rejeição a qualquer doutrina na sociedade que leve ao confronto.

Como o deputado falou aqui, a Assembleia é uma representação de toda a sociedade, então aqui há todas essas visões, mas, apesar de ter muitos conflitos aqui, o pessoal consegue fazer o diálogo e não os levar aos confrontos.

Hoje existem doutrinas que chamam as pessoas para o confronto, mas a Campanha da Fraternidade está dizendo que o caminho para a humanidade que leva à fraternidade é justamente evitar essas doutrinas que levam ao confronto na sociedade. Que a gente possa cuidar dos nossos conflitos.

Eu vou pedir agora para passarem um vídeo que eu acho muito interessante.

Podem passar o vídeo.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. JOSÉ MARIA DE ABREU DUTRA: Esse é um vídeo que eu já assisti “trocentas” vezes, e sempre me emociono. Eu não sei se vocês conseguiram acompanhar bem a história. Eu só vou fazer um resuminho dela.

Essa é uma história real. Este jovem está em uma penitenciária nos Estados Unidos, pois matou uma mulher e uma criança. Ele diz que, quando criança, o padrasto dele o batia com fio, com cabide, e dizia que fazia aquilo porque o amava. Ele disse que aprendeu, de forma errada, que amar era fazer mal, era agredir, era machucar as pessoas. Isso era amar, porque foi assim que o ensinaram.

O que mais me toca nessa história, uma história real, é que Agnes era avó e mãe das vítimas dele, mas ele diz: “É a pessoa que podia me odiar, tinha todo o direito de me odiar, mas foi a pessoa que veio me ensinar dentro da prisão o que é o amor, neste lugar totalmente desprovido de amor.”

Agora eu vou seguir sem apresentação.

Então, a gente está em uma sociedade que julga todo mundo muito rápido, não é? A gente julga todo mundo dizendo que tem de ser punido, querendo logo punir. É uma sociedade na qual se quer descobrir quem está errado. Para quê? Para punir! Essa forma muito infantil de se ver o certo e o errado. Há pessoas de bem e pessoas do mal, essa é uma forma infantil de se ver o mundo, porque a realidade é muito mais complicada e muito mais complexa do que isso.

Quando a gente vê um rapaz desse... será que esse rapaz é uma pessoa má ou uma pessoa boa? O que vocês acham? É um ser humano, gente. É um ser humano que teve a infelicidade de aprender de forma errada o que é o amor. Ele teve essa infelicidade na vida, mas é um ser humano. Quantos seres humanos desse não têm dentro do nosso sistema penitenciário hoje? Quantos desses? Eles não tiveram a possibilidade de alguém ensiná-los o que é o amor. Ele nunca teve quem o ensinasse o que é o amor.

Deputado, quanto tempo eu ainda tenho?

(Intervenção fora do microfone.) (Risos)

O Sr. JOSÉ MARIA DE ABREU DUTRA: Então, gente, a realidade é muito mais complexa. Como a gente aprendeu? A gente aprendeu primeiro a competir. Nós aprendemos a competir desde crianças. Quem aqui nunca foi comparado a outra pessoa, a um primo ou a um irmão, quem nunca foi comparado? Ao chegar à escola, a quem era o melhor ou a quem tirava a nota maior? A gente fica o tempo todo comparando.

Não nos ensinaram a cooperar, só nos ensinaram a competir. Isso não é culpa dos nossos pais, não, eles aprenderam com os pais deles que aprenderam com os avós deles, que foram vítimas da escravização lá atrás.

Nós somos vítimas de uma educação muito violenta: temos de nos comportar, senão vamos sofrer. Todos nós somos vítimas de uma educação muito violenta. Nós temos muita dificuldade em cooperar. Essa história da moral, do bem e do mal, de achar que tem pessoas más e de que tem pessoas boas, de que os maus nunca somos nós, os maus sempre são os outros, essas são divisões infantis da sociedade que nos desconecta e nos tira da fraternidade.

Outra coisa importante, a mídia hoje também... por exemplo, nos filmes de Hollywood tem o herói e o vilão. Não é assim que são os filmes? Os filmes que passam na *Sessão da Tarde* têm o herói e têm o vilão, não é isso? No momento mais emocionante do filme, o herói está matando ou está agredindo fisicamente o vilão. Não é isso que acontece nos filmes? Nossas crianças ficam expostas a esse tipo de violência. Isso naturaliza que as pessoas más têm de ser agredidas, que as pessoas más no mundo precisam ser exterminadas. Essa é uma cultura de violência.

Teria muito mais coisas para a gente falar aqui sobre o que a Campanha da Fraternidade traz para nós, porque é um texto riquíssimo, mas, para finalizar em 2 minutos, quero trazer uma mensagem para vocês. Eu vou ensinar para vocês uma forma de a gente ter cuidado com os julgamentos, quando uma pessoa faz algo que a gente não gostaria que ela fizesse.

Quando alguém faz algo que me machucou, que eu não gostaria que aquela pessoa fizesse comigo ou falasse comigo, sabe qual é a nossa cultura? A gente ataca a pessoa, um filho, por exemplo. Eu gosto de dar exemplo de filho, porque toca o coração da gente. Um filho chega e diz: “Pai, odeio você, não quero saber mais de você, estou com muita raiva”. Sabem qual é a nossa reação? Ou a gente ataca, do tipo: “Tome vergonha e me respeite!” Ou a gente vai para cima, ou então a gente ataca a nós mesmos ao dizer: “Olha, o que eu fiz? Eu não sei criar.”

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Já concluindo, a gente não busca a conexão, porque quando um filho chega com essa raiva toda, nós, adultos, temos mais responsabilidade. Então, o mais importante não é saber se ele está certo, se ele está errado, é saber por que ele está com tanta raiva, o que o está machucando, o que está trazendo sofrimento. Mas nós estamos numa cultura do quê? Se chegar apanhado em casa acontece o quê? Apanha de novo. É a cultura da violência, não é? Não é a cultura do entendimento, não é a cultura da compreensão, não é a cultura do amor.

Então era isso o que eu tinha para dizer a vocês.

Agradeço, deputado, o convite.

Espero ter sido útil o meu bate-papo com vocês.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Desde já, agradecemos a José Maria pela grande contribuição.

Vamos entregar um certificado da sua participação.

(Procede-se à entrega do certificado.) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Antes de seguirmos com esta sessão, eu me esqueci de convidar, para fazer parte da Mesa, o nosso Rev.^{mo} Pe. Jorge Brito. Estava todo mundo sentindo a sua falta, padre. (Palmas) Ele é da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e coordenador da Pastoral da Saúde, na Arquidiocese.

Concedo a palavra agora ao deputado Yulo Oiticica, assessor especial da Secretaria de Relações Institucionais do governo.

O Sr. YULO OITICICA: Deputado Alex da Piatã, eu quero parabenizá-lo, lembrando os 60 anos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que traz as campanhas da fraternidade para nós.

Gostaria de dizer, Zé Maria, que a indiferença nunca foi uma posição dos bispos do Brasil.

Vale lembrar, padre Manoel, em 1964 quando teve o golpe militar, a Campanha da Fraternidade era exatamente “Lembre-se: você também é igreja”, na perspectiva de uma nação irmã e solidária. Vale lembrar que, a essa época, – são mais de 180 arquidioceses no Brasil – só um pouco mais de 70 arquidioceses assumiram a Campanha da Fraternidade, no primeiro momento, padre Zé Carlos.

E, naquele momento, D. Hélder Câmara era perseguido e ameaçado de ser expulso do Brasil pela ditadura militar, Dr.^a Mônica. E o papa disse: “Se mexerem em D. Hélder, estão mexendo com o papa.” Essa foi a concepção da Igreja Católica ao enfrentar a ditadura militar com muita convicção. A visão profética foi fundamental para chegarmos aonde chegamos hoje.

Mas, como sempre, essa posição da Igreja Católica levou à tortura, à prisão, ao desaparecimento e à morte de muitos. Não mataram D. Hélder naquela época. Mas não foi à toa que um dos assessores de D. Hélder foi preso, torturado, assassinado e teve cortado os seus testículos, colocados em sua boca, costurados e jogados em frente à sede da igreja. Quando a gente canta aquela música *Prova de amor maior não há*, essa foi uma música interpretada por Reginaldo Veloso, exatamente, para esse assessor de D. Hélder.

Então, a indiferença não foi, não é e não pode ser a marca da Igreja Católica.

Hoje, trazer o desafio de pensar a amizade social parece, para muitos despercebidos, uma coisa fútil, comum, sem tanta importância. Eu acho que Zé Maria nos ajudou muito a perceber a importância disso, seja na teoria, seja no gesto seu, Alex, de hoje, no início do dia.

A indiferença, talvez, seja a maior violência que nós vivemos neste momento em que a humanidade se preocupa, por exemplo, com as baleias, com os cachorrinhos e gatinhos ali no canto, Carla, mas que tantas vezes um ser humano, embaixo da ponte, passa despercebido.

Essa indiferença não pode ser a marca daqueles que celebraram, há duas semanas, a Páscoa. Verdadeiramente, carregar a sua cruz, viver o calvário, é poder, depois, viver a Páscoa. Mas a Páscoa tem de ser a certeza da fé de cada um de nós para a gente ser, verdadeiramente, sujeito de transformação.

Por isso, Alex, parabéns pela iniciativa e pela inovação, porque a metodologia da Campanha da Fraternidade é a de sempre, ver, julgar e agir. Que bom que você traz este ano uma diferença nesse ver, julgar e agir. É importante que toda a Mesa saiba disso.

Nesta perspectiva do encontro da solidariedade, do não ignorar, do se aproximar, do estar junto, o deputado Alex apresentou um projeto de lei nesta Casa que trata exatamente do que tanto interessa não só ao padre Jorge, mas a todos nós, que é a possibilidade da visita religiosa aos hospitais.

Deputado Alex, eu acho que este projeto de lei, apresentado a esta Casa, deve ser o grande gesto urgente e concreto que esta Casa pode fazer relacionado à Campanha da Fraternidade, como diz padre Jorge.

Existe um decreto feito pelo governador. O padre Jorge sabe mais do que muitos o quanto isso, muitas vezes e na maioria das vezes, é até ignorado pelos diretores e pelas diretoras de hospitais. O deputado Alex também sabe muito bem disso, como presidente da Comissão de Saúde desta Casa.

Portanto, eu acho que este deve ser o grande recado desta sessão para os 63 deputados, a fim de que possam verdadeiramente se debruçar sobre este projeto de lei. Espera-se que a gente tenha, ainda durante este ano, a aprovação dele nesta Casa (palmas) para que o padre Jorge não precise tanto se indispor, porque é fácil chamar...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Bem, eu concluo dizendo que é fácil chamar o padre Jorge de criador de caso, quando, na verdade, ele só quer cumprir a lei nos hospitais, e não ser indiferente diante da dor de tantos irmãos e irmãs – não estou falando só dos católicos – de qualquer um outro que deseja ali encontrar também, naquele momento difícil da vida, a paz na sua espiritualidade.

É nesse sentido que eu parabenizo V. Ex.^a.

Peço o apoio de todos nós para a aprovação deste projeto.

Como Santo Agostinho dizia, “enquanto houver vontade de lutar, sempre haverá, em nós, a esperança e a possibilidade real de vencer.”

Portanto, tenho certeza de que a marca de vocês não é a indiferença, mas é a vontade de lutar, é a esperança e a certeza de que a Páscoa nos conduz para dias melhores.

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Obrigado, Yulo, pelas palavras.

Desde já, vamos levar essa sua sugestão, mais do que acatada, de gesto concreto desse projeto de lei que julgamos importante.

Eu achava que era lei, ouviu padre Manuel? Depois, o padre Jorge nos trouxe ao afirmar como uma portaria do então governador Rui Costa, à época, por decreto. Nós queremos transformar isso em lei para que, independentemente do governo, em qualquer lugar neste estado da Bahia, no momento em que as pessoas mais precisarem, possam, aquelas que querem, receber a sua visita espiritual, a sua visita religiosa.

E, como disse Yulo, esse dispositivo é para qualquer religião, não é só para católico, mas para qualquer um.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Concedo a palavra à Sr.^a Mônica de Paula Oliveira Pires de Aragão, defensora pública, neste ato, representando a Dr.^a Firmiane Venâncio de Carmo Souza, defensora pública-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia.

A Sr.^a MÔNICA DE PAULA OLIVEIRA PIRES DE ARAGÃO: Boa tarde a todas e todos.

Eu queria saudar todos os membros desta honrosa Mesa na pessoa do deputado Alex da Piatã, proponente desta sessão, nosso amigo também na Assembleia.

Na realidade, enquanto representante da Defensoria Pública do Estado da Bahia, eu subo, mais uma vez, a esta tribuna só para reafirmar o compromisso da nossa instituição, principalmente com o tema Fraternidade e Amizade Social da Campanha da Fraternidade.

Todos os anos, quando tem esta sessão especial, deputado, e o ano passado não foi diferente, a gente esteve aqui, assim como temos vindo a várias sessões especiais, sempre trazendo uma mensagem ou algo realmente que tem a ver com a atuação da Defensoria Pública e com a forma de a gente atuar.

Mais uma vez, não pode ser diferente. A Defensoria, enquanto instituição de acesso à Justiça, é para aqueles menos favorecidos, aqueles que não podem custear um advogado particular, pois a Constituição garante esse direito a todas as pessoas, a todos os brasileiros, a todas as brasileiras. Tem tudo a ver com esta campanha.

Antes da fala do meu amigo querido Yulo, houve a fala do superintendente da Previdência, o Sr. José Maria Dutra. Ele trouxe as questões sobre conflito, sobre confronto.

Vejam, um dos principais pilares da Defensoria Pública é mediar conflitos, então a gente sempre tenta a mediação, antes de judicializar as ações de todos que batem à nossa porta, sejam na área de família, sejam na área cível, questão com vizinho, questão de terra, até na área penal para crimes de menor potencial ofensivo, ou seja, crimes menores, crimes do juizado. A gente sempre busca a mediação ou a conciliação ou o acordo, digamos assim, entre as partes.

Então, a Campanha da Fraternidade deste ano nada mais é do que um dos pilares ou uma das nossas funções previstas, tanto na Constituição, que nos criou, como na nossa lei orgânica federal de 1990 e a nossa lei orgânica estadual de 2006.

Então, era isso só o que eu queria trazer.

Gostaria também de dizer a vocês que podem contar com a Defensoria Pública, inclusive, quando verificarem conflitos, não só a Igreja Católica, pois a gente fala para todos os credos, todos os tipos de religião.

As pessoas, quando estão buscando a fé, quando estão buscando ali a Cristo, elas normalmente acabam se abrindo e relatando os problemas. E se vocês ouvirem um desses problemas, que possa orientá-los a procurar, se for alguma questão que possa ser resolvida de forma amigável, podem procurar a Defensoria Pública.

A gente vai estar de portas abertas para receber vocês. Está bom?

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Muito obrigado, Dr.^a Mônica. Desde já, agradecemos a Defensoria Pública, pois ela é sempre uma parceria presente nesta Casa.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Concedo a palavra ao Rev.^{mo} Pe. Jorge Brito, da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e coordenador da Pastoral da Saúde.

O Sr. JORGE BRITO: Ex.^{mo} Sr. Deputado Alex da Piatã, a quem agradeço, desde já, a oportunidade de estarmos refletindo um tema tão importante sobre amizade social.

Queridos irmãos no clero, padre Manuel e José Carlos; de luta, Yulo Oiticica, Ailton e a representante da Defensoria Pública; e o palestrante de hoje da Previdência. Deus nos ajude a chegar lá e termos o direito a ela um dia. A coisa está difícil. A reforma da Previdência acabou com os pequenos, destruiu a gente. Não sei o que será de nós e dos que dependem dos auxílios da vida. Eu não sei.

O deputado estava angustiado ao ver alguém, hoje, caído na rua.

Deputado, nós fazemos um trabalho semanal de rua. Ainda esta semana, estive com Fabya e com Ailton. Estávamos conversando sobre o direito a um copo d'água, que os moradores de rua não têm. Eu fiquei estarrecido porque, no Carnaval, se instalaram tantos bebedouros de água nesta cidade e, depois, eles foram retirados. E quando a gente vai atender o povo de rua, eles não querem nem sopa, nem mingau. Eles dizem: "Água, água. Vocês têm água?"

A reunião foi boa entre nós. Pedi ao governo do estado uma providência. Vamos caminhando, não é, Ailton? Certamente, vamos ter a solução de bebedouros na cidade para o povo de rua ter água para beber.

Na saúde, a coisa não é muito diferente. Eu sonhava com uma regulação que garantisse ao povo o direito à saúde plena. Mas já que estamos falando aqui de amizade social, eu denuncio a eutanásia social que acontece com a nossa regulação. A peneiração de quem deve viver ou morrer é terrível.

Por mais que se tenha criado tantos hospitais nesta cidade, a gente ainda sofre muito pela questão do classismo dos que servem à saúde. Se procura, de todas as formas, médicos, anestesistas e pessoas que estejam dispostas a servir o próximo, de um modo geral. Mas, infelizmente, a moeda da saúde é muito, muito cara aos olhos de muitas pessoas que não querem servir aos irmãos como devem. Aí os renais sofrem. Aí os hospitais sofrem com cirurgias, porque não tem anestesista etc., etc., etc.

Vamos à Bíblia, porque eu, como padre, não posso deixar de citá-la. Lá, no livro do Gênesis, quando Caim matou Abel, Deus perguntou: “Onde está o teu irmão?” E ele respondeu: “Eu não sou o guardião do meu irmão.”

Talvez, esse seja o problema de hoje, porque nós não nos consideramos irmãos, muito menos quando alguém pede a nós que preste contas daquele jovem caído na rua, assassinado, daquele que morreu sem ser regulado ou daquele que está na penitenciária agora sem os direitos básicos de uma saúde muito precária dentro do complexo penitenciário, muito precário.

É difícil. Eu chego a Lemos Brito, às vezes, com a Pastoral Carcerária, para celebrar. Eu costumo dizer que eu vou celebrar uma missa, mas sempre tem procissão antes, mas procissão de rato. Do lado de fora da penitenciária, é uma procissão de rato.

É muita coisa difícil que a gente vai para uma Campanha da Fraternidade como essa com o tema Fraternidade e Amizade Social, pois inclui todo mundo.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

A dor do povo tem de ser a dor dos governantes.

Eu tenho um projeto de lei, não como deputado, mas eu acho que este Brasil tem jeito. Faço um apelo nesta Casa. Que seja lei, para todos os eleitos, uma vez eleito, tenha de usar, como lei, o sistema público, não pode usar nada particular. Aí, nesse dia, todo mundo vai ter de usar o SUS e as escolas públicas. (Palmas) Aí vão entender o que o povo precisa. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Obrigado, padre.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Concedo a palavra ao Sr. Ailton Ferreira, coordenador do Instituto Reparação e assessor especial da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (Seades), neste ato, representando o Sr. Jerônimo Rodrigues, governador da Bahia.

O Sr. AILTON DOS SANTOS FERREIRA: Boa tarde a todas e todos. Boa tarde, deputado Alex da Piatã. Com honra, trago o abraço de Fabya Reis, secretária de Assistência e Desenvolvimento Social do estado, que está com outra agenda.

Esta é uma sessão importante que anualmente esta Casa realiza com êxito. É importante ver que personalidades, pessoas e movimentos estão sempre presentes, a exemplo do padre Zé Carlos, do companheiro Yulo e do padre Jorge. No ano

passado, a Defensoria também estava aqui quando falávamos sobre a questão de Ilha de Maré, porque foi a Campanha Contra a Fome.

Como bem lembrou o companheiro Yulo Oiticica, este é um gesto, uma ação revolucionária da igreja brasileira, da CNBB. Não é à toa que D. Hélder Câmara é o patrono dos direitos humanos no Brasil e que cantou, em 1984, a missa mariana com D. Pedro Casaldáliga, que dizia que nenhum dos escravizados de ontem pretende ser senhor de escravo amanhã. Essa é uma frase que eu acho que encerra o sentimento desta sessão.

Neste ano, com duas inspirações importantíssimas, padre Zé Carlos e padre Manoel, que aqui representa nosso bispo D. Sergio da Rocha, sendo a primeira inspiração em Mateus que nos convida a abandonar a indiferença por outra pessoa porque ela é diferente de nós e a abandonar a pretensão de querermos ser mais do que somos, pois nós temos um Pai e não precisamos que cada um queira ser o pai, o chefe ou o líder de outras pessoas. Então, Mateus nos convoca a esse espaço, a esse tempo de humildade.

A outra inspiração é do nosso santo papa Francisco que criou a encíclica que orienta a Campanha da Fraternidade de 2024, a qual foi feita naquele momento de terror das mortes causadas pela pandemia de 2020, sendo que, no Brasil, morreu mais gente do que a ciência explica por conta do desrespeito à ciência pelo governo da época, aquele governo que acabou no ano passado. O papa Francisco nos convoca, por meio da encíclica *Fratelli tutti* – meu italiano é mais fraco, o de Yulo é mais forte – que orienta a Campanha da Fraternidade, nos convocando de novo, porque Jesus nos convoca sempre, nós que somos insistentes em desobedecer.

Nós sempre fomos convocados a olhar para outra pessoa, a cuidar da outra pessoa, não a pessoa que está perto da gente, não é amar o próximo que está em casa, mas é amar as pessoas que estão também longe da gente.

Essa campanha nos convoca a isso. Em tempos difíceis nos quais, inclusive, a política e o ódio estabelecidos pelo governo que saiu e seus apoiadores fizeram com que muita gente se dividisse nas famílias. Muita gente, nessa Páscoa, já não pôde se sentar junto, porque a família foi dividida na campanha eleitoral por causa do ódio pela diferença.

Nós somos de um tempo – companheiro Yulo que é militante sabe disso – em que havia as discordâncias, com certeza. Na associação de moradores, em Pau da Lima, em Sete de Abril, a gente discordava, mas conversava, sentava, um até fazia gozação com o outro: “o meu vai ganhar, o seu vai perder.” De uns tempos para cá, virou raiva a ponto de minha filha dizer: “Meu pai, não vista camisa vermelha para ir à rua.” Você não pode usar camisa vermelha porque corre o risco de tomar porrada, de apanhar ou de receber um tiro, uma bala...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) uma bala perdida, não, uma bala achada.

Então, quando o deputado Alex convoca esta sessão, é também para enfrentar esse ódio que nos pegou de uns tempos para cá, fazendo-nos esquecer das pessoas,

esquecer que tem diálogo, esquecer que nós somos a palavra e que nós temos a palavra.

Outra coisa, deputado, o que o senhor traz aqui é também um desafio do mundo em que nós vivemos – o mundo líquido, padre Zé Carlos –, onde as pessoas não têm tempo de ouvir as outras, onde você está dando aula e as pessoas estão com o celular na mão. Quando você fala alguma coisa, as pessoas já têm as respostas prontas para aquilo que você falou. Quando você diz que não dormiu a noite toda porque estava com uma dor de cabeça, a pessoa não espera nem você calar a boca e já diz que também não dormiu a noite toda porque estava com dor de dente. Então, você diz assim: “meu joelho amanheceu inchado”; ela diz: “o meu está mais inchado ainda”, ou seja, não tem espaço de escuta. A gente é interrompido a cada palavra, não é nem a cada frase.

Então, neste mundo líquido, neste mundo da invisibilidade, a gente não pode ter mais contradição. Antigamente, nas famílias diversas, padre Manoel, se...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) tinha um irmão Vitória, um tio Bahia, uma tia crente, um primo que era de outra igreja, o outro era do candomblé, uma bisavó que era espírita, um que chegava em casa era de outra coisa, aquele irmão que toma cachaça, o outro que joga bola, o outro que joga dominó; e a criança crescia no ambiente da diversidade e aprendia a respeitar os momentos, os gestos, as coisas, as opiniões. Tinha um tio chatinho, tinha uma tia menos chatinha, e a criança vivia assim.

Agora não, é cada um no celular, cada um no seu quarto, cada um olhando, e o que um não gosta, bloqueia, cancela e acabou, ou seja, eu só tenho o meu mundo, a minha bolha. Então, essa campanha também nos convoca para isso.

Quando o deputado traz o testemunho de encontrar alguém jogado na sarjeta, no resto da sociedade, ele fala parecendo que foi preparado para esta tarde. Isso é outro chamamento. Então, nós estamos cheios de chamamentos.

Quando o padre Jorge vai na nossa audiência com a secretária que estava há uma semana cobrando, desde a Sexta-Feira Santa...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) o deputado Yulo ligou para o governador Jerônimo Rodrigues, que ligou para a secretária Fabya, em plena Semana Santa – eu tenho duas procissões, uma na Fazenda Grande e outra na Irmandade do Rosário, no Pelourinho, eu tenho de ir para as duas procissões, não tenho nem aquele tempo de ficar comendo peixe com todo mundo – e a secretária que me ligou: “Ache o padre Jorge urgentemente.” O padre Jorge não atendia porque estava celebrando. Eu liguei para toda a minha rede e chegou um bocado de mensagem dizendo que ele já tinha recebido o recado. Aguarda para marcar, marcamos para segunda, mas à noite o padre Jorge me disse: “Não posso ir na segunda.” Aí eu disse: “E agora?” Mas conseguimos e já conseguimos alguns avanços.

Ele levou a proposta e o pedido à secretária: “Se a senhora conseguir colocar pelo menos água em alguns lugares para as pessoas em situação de rua”, que

respondeu: “Padre, já está em encaminhamento a licitação e vamos trabalhar para conseguir pelo menos umas 10 igrejas em Salvador onde possamos colocar o bebedouro popular para que as pessoas possam beber água na igreja. Assim, não precisa da assinatura do prefeito, certo? Ele está em ano de campanha e não vai querer assinar, mas a gente vai ter as igrejas parceiras para tomar conta dos equipamentos naquela proposta que o senhor levou do bebedouro que se usa nos postos de gasolina, nas estradas. As pessoas que estão em situação de rua, que são entre cinco mil a nove mil em Salvador, terão...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) acesso à água sagrada, pelo menos isso.”

Então, o padre Jorge não é problema, é solução, não é isso? (Palmas)

Quero dizer que a secretaria tem três superintendências e dois programas básicos fundamentais que dialogam com a Campanha da Fraternidade, que é o Programa Corra pro Abraço, da Suprad, no qual a gente trata com pessoas drogadas, pessoas que usam drogas em excesso, pessoas que estão em situação de rua. Temos o outro programa também que foi fortalecido nesta semana – o PAA Leite –, por meio do qual leite é entregue através de associações de bairro em todo estado da Bahia. Então, dois programas fundamentais e mais a Superintendência de Assistência e Desenvolvimento Social que trabalha em conjunto com as prefeituras dos 417 municípios.

No mais, quero agradecer a honra do convite, a designação que recebi da secretária Fabya Reis para estar aqui, acho muito legal, muito bom estar presente nesta sessão, neste tipo de sessão que tem a cara do povo, que tem o jeito popular e que tem o nosso povo sentado nos lugares importantes deste estado.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Muito obrigado a todas e todos vocês. Vamos caminhar sempre perguntando o que Jesus faria. Na hora que o deputado viu a pessoa no chão, ele parou o carro e foi telefonar. Então, temos que pensar assim: “Ah! Eu amo Irmã Dulce.” Sim, e daí? O que você faz na sua vida para estar pertinho dela? “Ah! Jesus é meu mestre, é meu símbolo.” Quantas vezes por ano imitamos Jesus ou Santa Dulce? Devemos procurar ter os santos não como quadros nas paredes para enfeitar a nossa casa, mas como símbolos e modelos de luta.

Um abraço.

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Obrigado, Ailton. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Quero registrar a presença do meu amigo, nosso vereador Didi, de Conceição de Jacuípe. Obrigado pela presença.

Concedo a palavra ao padre José Carlos, presidente executivo da Ação Social Arquidiocesana e coordenador da Campanha da Fraternidade.

O Sr. JOSÉ CARLOS SANTOS SILVA: Boa tarde, eu estou afônico hoje. Não sei o que aconteceu. Eu quero agradecer e parabenizar pela realização desta

sessão e saudar toda a Mesa na pessoa do deputado Alex da Piatã, bem como toda a Assembleia. Boa tarde a todos.

Fratelli tutti (todos somos irmãos). Como está no documento, a Campanha da Fraternidade deste ano está baseada neste tema: Fraternidade e Amizade Social. O que é amizade social? No número 16 do texto-base, são citadas todas as definições que o papa dá sobre amizade social na encíclica *Fratelli tutti*.

(Lê) “Amizade social é amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço. É uma fraternidade aberta que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física. Amizade social é um amor desejoso de abraçar a todos. Amizade social é comunicar com a vida o amor de Deus, recusando impor doutrinas por meio de uma guerra dialética. Amizade social é viver livre de todo desejo de domínio sobre os outros.

Amizade social é o amor que se estende para além das fronteiras, para todo ser vivo. Amizade social é o amor que rompe as cadeias que nos isolam e nos separam lançando pontes, o amor que nos permite construir uma grande família na qual todos nós podemos nos sentir em casa, amor que sabe de compaixão e dignidade. Amizade social é a nossa vocação para formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros. Amizade social é a capacidade diária de alargar o meu círculo, de chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do meu mundo de interesse, embora se encontrem perto de mim.

Amizade social é o amor que implica algo mais do que uma série de ações benéficas. As ações derivam de uma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, aprazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais. O amor ao outro, por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando uma forma de nos relacionarmos é que tornamos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade está aberta para todos.”

Se assim vivermos, vamos imitar o Jesus Cristo, vamos imitar a Irmã Dulce, vamos ser fraternos, vamos colocar em prática a Campanha da Fraternidade.

Boa tarde. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Obrigado, padre José Carlos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Quero registrar a presença e desde já convidar para compor a Mesa o Sr. Joiceval Rodrigues, vereador da cidade de Salvador, representando a Câmara de Salvador.

Concedo a palavra ao padre Manoel de Oliveira Filho, Rev.^{mo} Vigário episcopal para a cultura, educação e comunicação, que neste ato representa o cardeal D. Sergio da Rocha, arcebispo da Arquidiocese de São Salvador.

O Sr. MANOEL DE OLIVEIRA ROCHA: Boa tarde a todas e todos. Quero saudar o deputado Alex da Piatã e parabenizá-lo pela iniciativa de realizar, mais um

ano, esta sessão especial pela Campanha da Fraternidade. Na sua pessoa, quero saudar os outros membros da Mesa, padre Jorge e padre Zé Carlos que saiu, mas eu acho que merece sempre uma citação, pois são os dois da militância, da base, da luta cotidiana, do dia a dia. A gente sabe como isso é exigente e como demanda a nossa solidariedade, amizade e oração. Então, toda saudação, homenagem e gratidão a vocês.

É uma beleza estarmos numa Campanha da Fraternidade 60 anos depois daquela primeira em que o Brasil começou a abraçar a Campanha da Fraternidade. Nesses 60 anos, ela fez um caminho, cada vez mais, de dentro para fora da igreja. Lembremo-nos daquele primeiro tema: “Somos todos igreja.” Para usar uma expressão latina, era bem *ad intra*, era bem para dentro da igreja.

Pouco a pouco, ela foi caminhando para fora cada dia mais, num diálogo cada vez mais consistente com a sociedade, de tal forma que, nesses 60 anos, já tivemos temas de campanha com aplicação muito prática. Lembremo-nos, por exemplo, do tema sobre o idoso, pois dali surgiu a Pastoral da Pessoa Idosa. A articulação e a mobilização da Campanha da Fraternidade teve também uma grande influência sobre o Estatuto do Idoso no Brasil. O mesmo aconteceu com a Pastoral do Menor, no ano em que o tema foi sobre o menor; no ano em que o tema foi sobre a questão das drogas, houve o surgimento de muitas comunidades terapêuticas e da Pastoral da Sobriedade. Então, nesses anos, muitas campanhas tiveram aplicação bastante práticas, outras mexeram num campo mais sutil que é o campo das consciências.

Muitas vezes nas coletivas sobre a Campanha da Fraternidade, o jornalista pergunta ao bispo: “E na prática?” O jornalista quer saber na prática. Na prática, consciência nova, mentalidade. É o caso da campanha deste ano, é muito sutil, mas estruturante, mexe com as estruturas do ser, mexe com as estruturas da sociedade, embora não tenha uma aplicabilidade prática.

É bom lembrar que, nesse caminho de 60 anos, deputado, muitas campanhas já foram ecumênicas, foram organizadas e aplicadas pelas igrejas cristãs, pelo Conic (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil).

O tema da campanha deste ano teve origem em 1219, no ano de 1219, longe, não é? Foi no ano de 1219 que a campanha deste ano teve a sua origem, o tema, sabe por quê? O mundo estava marcado, pelo menos o mundo ocidental, o grande mundo conhecido na Europa e no Oriente Médio, pelas cruzadas, guerras terríveis, e um jovem...

Os árabes tinham invadido a Terra Santa, não deixavam os cristãos fazerem o culto nos lugares sagrados, e aquelas guerras terríveis acontecendo. Um jovem, poeta, místico, andarilho, sem nada, sem armas, sem exércitos, sem nada, disse: “Eu vou lá conversar com esse sultão, eu vou lá”. E lá foi Francisco com os seus amigos e a sua poesia. Lá foi Francisco conversar com o sultão, e o sultão era poeta, e já conhecia a fama daquele jovem, e disse: “Eu quero conversar com ele.”

Quando Francisco chegou às portas de Jerusalém, se encontrou com o sultão, e o sultão, depois da conversa, imagine, conversando com Francisco, disse: “Você e

seus amigos de marrom podem entrar.” Isso foi em 1219, por isso que, até hoje, a grande maioria dos...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Passa rápido quando a gente está aqui.

(...) a grande maioria... a grande maioria...

Eu sempre fico pensando que a tia da merenda já está chamando, eu fico esperando sair para tomar o mingau, eu queria que, depois da campainha, tivesse o mingau da tia da merenda.

Pois bem, naquele momento, o sultão disse: “Você e seus amigos de marrom podem entrar.” E eles entraram e até hoje os franciscanos tomam conta dos lugares sagrados em Jerusalém.

Em 2019, portanto, 800 anos depois, o Papa Francisco quis reeditar esse encontro e se encontrou com o imã, a maior autoridade muçulmana dos nossos tempos. Os dois travaram um diálogo fraterno, amigo, bonito, o papa, a maior autoridade católica do mundo, e a maior autoridade muçulmana relembaram aquele encontro de 800 anos.

Foi ali que o papa disse, pela primeira vez, o que parece tão óbvio: somos todos irmãos, as nossas diferenças, as nossas dificuldades, os nossos conflitos, professor, os nossos conflitos, eles não precisam ser confrontos, porque somos todos irmãos.

Num tempo como o nosso, e a partir daquela conversa, o papa escreveu a encíclica *Fratelli tutti* (Somos todos irmãos). Num tempo assolado pelas sombras terríveis da divisão, num tempo assolado pelos confrontos terríveis, já muito bem expressos aqui, nós, cristãos, nós, homens de boa vontade, somos chamados a construir um campo de diálogo.

Quem é diferente de mim porque pensa, sente, crê e vota não é nem melhor nem pior do que eu, é simplesmente diferente. E a diferença não é um problema, porque imaginemos um belo mosaico, ele não é feito de pedras iguais, ao contrário, ele é feito de pedras diferentes, mas essa diferença das pedras constrói uma unidade bonita, pois elas são capazes de dialogar. Onde uma se abre, a outra entra, e assim elas vão se complementando.

Esse é o mundo que é possível construir não apenas por meio de grandes obras, mas, sobretudo, por meio de atitude. E sabe o que é melhor? Ele já existe. O melhor de tudo é que ele já existe. Ele já existe na casa de dona Maria, candomblecista, que, quando falta açúcar na casa de dona Antônia, sua vizinha, ela dá lá a xícara de açúcar. Ou ele já existe quando Seu José, motorista de carro, o único que tem carro na rua, ele é evangélico, mas quando dona Antonieta fica doente e precisa de urgência, ele bota dona Antonieta no carro e a leva para o hospital, para a UPA, para a emergência.

Esse mundo já existe, ele está nos subterrâneos, e nós precisamos fazer com que ele aflore. Nós precisamos dizer: “É possível viver bem, fazendo o bem, construindo o bem, um mundo de irmãos onde todo mundo possa ser Maria,

Antônia, José, Antonieta...”. Esse mundo já existe, vamos potencializá-lo, não deixemos que as vozes do mal... Martin Luther King naquela frase fantástica: “O que mais me incomoda não é o barulho dos maus, mas o silêncio dos bons.” Não deixemos que o barulho dos que pregam a desordem, o caos, se sobressaia à notícia boa, esta é a notícia que Jesus Cristo nos trouxe: verdadeiramente somos irmãos, irmãs, ser diferente é bonito, a diferença é bela, ela é complementar, ela constrói um mundo novo, conforme Jesus nos propõe. Que assim seja. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Obrigado, padre Manoel.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Concedo a palavra ao vereador Joceval Rodrigues, representando a Câmara de Salvador.

O Sr. JOCEVAL RODRIGUES: Boa tarde a todos! Na pessoa do presidente desta importante sessão solene, deputado Alex da Piatã, eu saúdo a Mesa, mas, como a Mesa não está tão extensa, eu vou quebrar o protocolo e tentar fazer isso de forma bem breve, citar aqui Mônica, representando a Defensoria Pública; Ailton, um grande guerreiro das causas sociais; Yulo Oiticica, que nesta Casa tem um legado, uma história muito bonita, representando também, sendo a voz da nossa igreja aqui dentro, da nossa fé católica e do nosso povo; padre Jorge, nunca deixo de falar, te amo muito, sempre, a nossa relação tem uma história muito bonita; padre Manoel, que traz à baila esse tema da Campanha da Fraternidade que fala justamente de uma questão de consciência.

Os temas da Campanha da Fraternidade, como bem falou padre Manoel, eles têm uma contribuição e deixa um legado. Falou aqui, o padre Manoel, da pastoral do idoso e de outras, da água, do meio ambiente. Sempre, no pós-Campanha da Fraternidade, fica um legado, fica uma construção.

Mas, quando a igreja se reúne para debater um tema, um lema, e faz isso com muito afínco, ela também ouve a comunidade, ouve a sociedade. E essa oitiva da sociedade, ao trazer um tema que parecia uma coisa, vamos dizer assim, desnecessária... Lembrar que somos irmãos? É porque realmente está se fazendo necessário que a gente traga à consciência essa relação de irmandade.

Filhos do mesmo Pai, filhos do Criador, nós somos irmãos, mas, muitas vezes, por conta da disputa social, por conta das questões que nos fazem, às vezes, esquecer disso, nós acabamos virando até inimigos. Então, eu parablenzo, sim, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, parablenzo, sim, a nossa Igreja Católica, que traz essa reflexão da irmandade.

Precisamos nascer de novo, precisamos voltar a refletir que é necessário olhar para o outro não com aquilo que nos afasta, mas com o que nos une, o Deus que nos criou à imagem e semelhança dele.

Então, eu, Joceval Rodrigues, trago essa contribuição. Deputado Alex da Piatã, parabéns! Esta Casa, esta Casa do Parlamento, esta Casa que representa o povo da Bahia, precisa, sim, ter essa marca, essa representatividade e ser pautada

pelos temas da Campanha da Fraternidade para que, por meio da *TV Assembleia*, isso possa chegar aos quatro cantos da nossa Bahia.

Parabéns pela iniciativa! Parabéns também a todo o povo de Deus que aqui está! Eu vejo majoritariamente pessoas da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, um abraço a todos, como já saudei o padre Jorge, um abraço e saudar... Estou vendo ali os rostinhos, um abraço para vocês.

Também vejo aqui Mateus; vejo meu irmão, esse homem que, com a voz, nos dá a graça de poder louvar, também agradecer essa oportunidade de dizer: nós somos todos irmãos e precisamos fazer isso na prática.

Obrigado! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Obrigado, Joceval. Antes de cantarmos com Clayton e Michael, vou pedir ao padre Manoel para fazer a oração da Campanha da Fraternidade, todos podem acompanhar juntos.

O Sr. Manoel de Oliveira Filho: Vamos rezar juntos, então. Tem um folheto aí para todo mundo. Oração da Campanha da Fraternidade 2024.

(Procede-se à oração.)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Vamos ouvir agora a música *Amigos pela Fé* com o Clayton e Michael.

O Sr. Clayton Borges: Aproveito a oportunidade para agradecer ao deputado Alex da Piatã, o nosso amigo; ao querido amigo vereador Joceval Rodrigues; ao padre Manoel; a todas as autoridades aqui presentes; e ao povo de Deus. Que possamos levar conosco o verdadeiro significado e sentido da palavra amizade.

É nas diferenças que nos completamos. Então, que possamos escutar essa canção e levar conosco essa mensagem. Amigos pela Fé.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. Clayton Borges: Que pertençamos... que levemos conosco esse pertencimento da amizade, a Campanha da Fraternidade nos remete a isso, sejamos todos amigos. Obrigado mais uma vez. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã): Obrigado, Clayton, Michael, todos. Eu quero, em nome do Poder Legislativo da Bahia, da Assembleia Legislativa da Bahia, agradecer a todos os técnicos aqui presentes que fazem acontecer, agradecer à *TV ALBA*, que nos acompanha, a todos que estão nos assistindo por toda a Bahia, agradecer ao pessoal do cafezinho, do Cerimonial, a todos aqui na Mesa, a todos vocês que estiveram aqui presentes, espero que vocês possam realmente ter absorvido.

Nós vamos, Yulo até deu a sugestão, nós vamos editar tudo o que aconteceu hoje aqui para que possamos passar e divulgar para a nossa Bahia, para os nossos irmãos, não só católicos, mas cristãos da Bahia, do Brasil e do mundo inteiro, para que possamos, em um gesto concreto da Campanha da Fraternidade, como foi em

todos esses 60 anos, não sendo diferente este, deixar essa marca de voltarmos a ter todos nós nos tratando e convivendo como irmãos e irmãs.

E assim declaro encerrada a presente sessão. Obrigado.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.